

## PAMONHADA GOIANA: UMA ANÁLISE SOBRE RECOMPOSIÇÕES SOCIAIS

AMANDA CHRISTIANINE BATISTA<sup>1</sup>; RENATA MENASCHE<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – amandach9b@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – renata.menasche@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui apresentada é desenvolvida enquanto trabalho de conclusão do curso em Antropologia Social pela Universidade Federal de Pelotas. É construída tendo por base estudos antropológicos sobre a alimentação e o consumo e como objeto de estudo as relações sociais e identidade cultural referentes a uma prática alimentar presente no estado de Goiás, a pamonhada.

Do alimento à comida, nesse caso do milho à pamonha, o processo (saber-fazer e comer) é definido a partir de um contexto histórico-social e geográfico, culturalmente marcado. Alguns desses processos, ou mesmo seus resultados finais (as comidas), atuam mais que outros na formatação de identidades culturais. É o caso da pamonhada e da pamonha contribuindo na conformação de uma identidade goiana, em um quadro de intensa individualização da população. Se trata de

um contexto em que, por uma lado, pode-se identificar uma ansiedade urbana contemporânea em relação à alimentação e que, por outro lado, percebe-se mais intensa a mobilidade, material e simbólica, entre campo e cidade. (MENASHE, 2010, p.195)

A pamonhada, prática tradicional de reunião familiar, que é facilmente associada ao campo como fonte autêntica da tradição, também se manifesta na cidade como uma das formas de consumo da pamonha, principalmente a partir da transmissão do saber-fazer entre gerações, em que as mais velhas viviam no campo. Sua reconfiguração aqui toma várias formas: variações na matéria-prima utilizada (milho com palha, milho separado da palha ou massa já extraída) e naquilo que se realiza coletivamente.

Dessa forma, o comer pamonha também é motivado na cidade pela reunião familiar, através da pamonhada. Mas é verdade que o contexto cotidiano contemporâneo pede outras possibilidades de consumo, mais práticas e possíveis no tempo disponível das pessoas. Há diferentes opções de compra de pamonhas prontas: em pamonharias, supermercados, feiras ou junto a vendedores ambulantes. Se referem a um comer pamonha que incorpora o imaginário rural e sinaliza identidade cultural, mas que em sua essência é diferente do que ocorre na pamonhada.

Proponho pensar em sua dinâmica a partir de uma perspectiva socioantropológica sobre o consumo e a produção enquanto categorias envolvidas conjuntamente no seu processo, isto é, que estão estreitamente interligadas, em que uma depende da outra. Pretendo explicitar esse conjunto através da pamonhada, formada por uma rede de sujeitos, ora atuantes no consumo, ora na produção.

Me baseio, portanto, numa perspectiva que floresce no final da década de 1970 a partir da antropóloga Mary Douglas, que contribuiu com outro olhar sobre o tema, até então restrito a uma concepção econômica que valoriza o trabalho e a

produção e (des)moraliza o consumo, tomado apenas pela ideia negativa do consumismo associado à sociedade moderna (BARBOSA E CAMPBELL, 2007).

Douglas, em “O Mundo dos Bens” (1979), apresenta uma concepção cultural sobre o consumo. Ela propõe que sua principal função é a de dar sentido: “Dentro do tempo e do espaço disponíveis, o indivíduo usa o consumo para dizer alguma coisa sobre si mesmo, sua família, sua localidade, seja na cidade ou no campo, nas férias ou em casa” (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2004, p.116). Um exemplo do consumo como prática capaz de comunicar identidade está no consumo de pamonha enquanto mercadoria.

Abordo a proposição de Arjun Appadurai em “A vida social das coisas” (2008), entendendo que mercadoria corresponde a um estado. As coisas podem estar ou não mercadorias, seu potencial mercantil depende do regime de valor no contexto histórico-social específico. Sua definição não corresponde a algo que se restringe ao valor econômico das coisas, como é apresentado nas teorias marxistas e comumente relacionado ao consumo das sociedades modernas. Tampouco se define em oposição às relações de reciprocidade e dádiva presentes nas sociedades, que foram comumente retratadas em uma perspectiva dualista pelas/os antropólogas/os.

Um dualismo que tenderia a ser pensado sobre o consumo da pamonha. No campo, a pamonhada chama atenção para a produção, artesanal, em termos de coletividade e solidariedade. Na cidade ela se destaca pelo viés do consumo individualizado, comercial, enquanto mercadoria.

No entanto, como colocado anteriormente, em Goiânia, além da presença de pamonhadas, a pamonha enquanto mercadoria é ressignificada socialmente como comida da cultura goiana, ela tem um valor que também é simbólico. Ela não deixa de invocar um imaginário que remete à ruralidade. Enquanto no contexto camponês a organização social e as práticas tradicionais, como a pamonhada, não estão imunes às forças da modernização. Dessa forma, a polarização dessas formas não faz sentido, pois os elementos colocados em oposição, na verdade se mesclam.

Em contraposição a uma concepção romantizada sobre a pamonhada no campo, enquanto ambiente de autenticidade e de preservação da cultura frente à ameaça homogeneizante do movimento de modernização que age sobre a cidade, pretendo identificar as mudanças dessa tradição também no contexto camponês, que é impactado pela modernização, principalmente através da mecanização da produção agrícola na região e do avanço do agronegócio.

“Verdadeiras festas de celebração do milho, as pamonhadas costumam ocorrer no tempo da safra, de janeiro a março” (ALVES; ALCANTRA, 2010, p.3). Será que essa visão perdura nos dias de hoje? As pamonhadas camponesas ainda dependem da colheita sazonal do milho e são percebidas como sua celebração?

Como aborda Katia Toralles (2017), em diferentes contextos aspectos micro e macro condicionantes são responsáveis pelas reconfigurações sociais e, consequentemente, pelas mudanças nos sistemas alimentares, no sentido que é dado aos alimentos e ao ato de comer.

Seguindo a lógica abordagem da autora, proponho analisar a dinâmica da pamonhada como prática componente da cultura alimentar do estado de Goiás. Isto é, como uma forma especial de percepção de aspectos macro e micro que atuam na dinâmica regional. “É um espaço privilegiado para percepção dos impactos da modernidade” na tradição, assim como dos impactos da tradição na modernidade (Toralles, 2017, p.13).

Na medida em que a prática alimentar reflete relações sociais e categorias estruturantes das sociedades, cabe observar que estas se transformam, atuando na reconfiguração da cultura, no caso, da pamonhada. Desse modo, cultura e relação social se agenciam mutuamente e estão sempre em movimento. Através da pamonhada, proponho pensar esse processo. Associado a ele, levo em consideração a diversidade presente em sua prática a partir de abordagem etnográfica junto a diferentes grupos familiares, camponeses e citadinos. É vista como possibilidade de problematizar as oposições entre as categorias campo e cidade, tradição e modernidade, produção e consumo.

## 2. METODOLOGIA

O campo de pesquisa se delimita às dinâmicas de pamonhadas possíveis de serem observadas, em contextos campesinos camponeses e citadinos do estado de Goiás. Partindo de uma perspectiva antropológica sobre essa prática cultural, pretendo utilizar uma abordagem etnográfica para observar como ela se configura atualmente nas diferentes realidades familiares que serão presenciadas.

Enquanto *nativa* ao contexto cultural de pesquisa, acredito que incluir nessas realidades familiares as minhas próprias, que se diferenciam por parte de mãe e por parte de pai, seja pertinente aos objetivos apresentados.

Por meio da etnografia, a estratégia é participar conjuntamente às pessoas na produção e consumo da pamonha, partindo da colheita ou compra do milho até o momento de despedida dos visitantes. Nesse percurso de observação participante, pretendo dialogar com os mais velhos sobre suas percepções de mudança que envolvem a prática. Se houve transformações no que concerne às motivações para chamar a pamonhada, à origem do milho utilizado, aos outros ingredientes, à distribuição de papéis durante as etapas de produção, aos utensílios utilizados, aos sabores preparados e escolhidos. E conversar com os mais jovens sobre como veem a pamonhada, se acreditam na sua continuidade pela sua geração e pelas gerações futuras.

Somando à escrita, estão sendo coletados conteúdos imagéticos, como fotografias e vídeos. Estes serão selecionados e editados para elaboração de um vídeo etnográfico, compreendendo se tratar de uma forma de restituição da pesquisa mais acessível às interlocutoras e interlocutores, e de maior difusão entre outras pessoas.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesse momento o trabalho de campo em Goiás se encontra em andamento. Tive oportunidade de observar e participar do processo de duas pamonhadas, o fazer de uma pamonha assada, e de colher depoimentos de outras pessoas sobre suas trajetórias de vida e suas experiências com a pamonha.

O desenvolvimento do milho irrigado aparece como um vetor de mudanças no sentido dado ao comer pamonha. Segundo Any, umas das interlocutoras, esse é o principal motivo pelo qual atualmente não conseguirem reunir toda a família como antes, quando só em uma época do ano tinham milho e, dessa forma, a pamonhada era evento especial, dia de festa e de união. Quando se passa a ter milho disponível por todo o ano, esse sentido se transforma. Há possibilidade de ser encontrado em outros meses, e em pamonharias todo o ano, variando no preço. Muitas vezes é feita apenas para o núcleo familiar.

Dessa forma, o fazer e o comer pamonha, enquanto parte importante do sistema alimentar goiano dialoga com novos arranjos sociais, em diferentes esferas: diferentes estruturas familiares e relações de gênero, migrações, modernização dos meios de produção (plantação de milho que passa a ser irrigada, uso de sementes melhoradas, uso de instrumentos modernos para fazer pamonha..) e globalização (distribuição complexa do milho).

#### 4. CONCLUSÕES

O percurso de elaboração da pesquisa vem sendo acompanhado pela experimentação audiovisual, a qual exige uma outra forma de pensar a narrativa. Ainda que as/os interlocutores atuem como protagonistas e suas vozes sejam ouvidas diretamente, meu olhar está em todas as etapas de sua elaboração. Diferente da escrita, se trata de uma linguagem que, além de exigir outros cuidados, me permite restituir a pesquisa com maior amplitude.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ana Claudia Lima e; ALCANTARA, Nadja Naira Sousa e. Pamonhada, uma referência cultural goiana. In: **REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA**, 27, 2010, Belém. Anais... Belém: 27a Reunião Brasileira de Antropologia, 2010.

APPADURAI, Arjun. Introdução: mercadorias e a política de valor. In: **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Rio de Janeiro: Ed. UFF, 2008.

BARBOSA, Lívia; CAMPBELL, Colin. **O estudo do consumo nas Ciências Sociais contemporâneas**. In: \_\_\_\_\_ (Org.). Cultura, consumo e identidade. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens**: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ. 2004.

MENASCHE, Renata. Campo e cidade, comida e imaginário: percepções do rural à mesa. **Ruris**, Campinas, v. 3, n. 2, p. 195-218, 2009.

TORALLES, Katia K. **Entre cozinhas e quitandas**: patrimônio e globalização em Pirenópolis. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.